



# História e objetivismo das ciências

## History and objectivism of science

**Aleandro Gonçalves Leite**

Graduando

Universidade Federal de Rondônia

aleandrokeane@gmail.com

**Recebido em:** 10/02/2016

**Aceito em:** 29/04/2016

**RESUMO:** O presente artigo analisa a forma como o filósofo Edmund Husserl estabelece os critérios elementares para se entender a relação de um tipo de objetivismo e a crise da humanidade europeia durante o período entre guerras. Essa análise se baseia principalmente na conferência proferida pelo autor em Viena no ano de 1935, que foi publicada, e posteriormente traduzida para o português, em forma de artigo sob o título *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Nessa obra Husserl sintetiza um tipo de análise da história que é permeada por princípios da sua fenomenologia, elencando conceitos e adequações às diferentes temporalidades que são trabalhadas pelo autor. Tal síntese é exposta e sistematizada no presente artigo, no intuito de se perceber as possibilidades metodológicas husserlianas de se pensar o estudo dos homens no tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Husserl, Crise europeia, História.

**ABSTRACT:** This article analyzes at how the philosopher Edmund Husserl establishes the basic criteria for understanding the relationship of a kind of Objectivism and the crisis of European humanity during the period between wars. This analysis is based mainly at the conference given by author in Vienna in the year 1935, it was published, and later translated into portuguese, in the form article under the title the *Crisis of European humanity and philosophy*. In this work Husserl synthesizes a type of analysis of history that is permeated with by principles of phenomenology, listing concepts and adjustments the different temporalities that are worked by the author. This synthesis is exposed and systematized in the article, in order to realize the husserlian methodological possibilities to think about the study of men in time.

**KEYWORDS:** Husserl, European crisis, History.

A escola fenomenológica formada por Husserl torna este autor, em si, um objeto de estudo extremamente complexo, pois, os resultados oriundos direta ou indiretamente das suas sistematizações fluem para direções diversas no campo daquilo que ele chamava de *ciências do espírito*.<sup>1</sup> Essa diversidade de direções se manifesta no peso de influência do autor em adaptações

---

<sup>1</sup> HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. 2. ed. Trad. Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 96 p.



metodológicas e interpretações variadas que receberam suas teorias sobre as questões relacionadas ao ser ou não ser das coisas que se manifestam à consciência.<sup>2</sup>

No campo da história, Husserl não é um teórico muito presente nas referências das obras que tentam dar conta de estudar os homens no tempo.<sup>3</sup> De certo, é possível que isso ocorra pela suspensão que o autor faz em relação à essas duas categorias enquanto fenômenos da consciência: homens e tempo.

Durante o período auge das publicações de Husserl (1901-1935), a história, enquanto área do conhecimento científico, passava por uma série de disputas, por legitimidade, por cientificidade, por realidade e, principalmente, por necessidade.<sup>4</sup> E mesmo que de certa distância, Husserl não se furtou à crítica sobre as configurações teórico-metodológicas que iam sendo atribuídas por aqueles que reclamavam para si o título de historiadores, sendo que isso, porém, ocorre em relação ao historicismo romântico de Hegel, em diálogos com Dilthey, com um pouco mais de ênfase.<sup>5</sup>

A suspensão feita por Husserl em relação à historicização dos fenômenos se dava principalmente pelas questões de objetivação do passado em função do presente, que eram estabelecidas como critério de validade para o estudo de sociedades que estavam temporalmente deslocadas do mundo vivido no presente. Tempo, em Husserl, não parece possuir qualquer forma geométrica – seja linear ou cíclica – que o determine como algo mais do que um fenômeno da consciência, não sendo, portanto, possível qualquer tipo de estabelecimento objetivo sobre intervalos intercalados e continuamente sucessivos entre um evento e outro. A exclusão da objetividade do tempo, como possuidor de uma forma que o determine fisicamente, desnuda o tempo como sendo constituído de elementos de duração ou intervalos.<sup>6</sup> Não ocorrendo essa exclusão, a legitimidade da conformação da pretensa distância de cada período passado, por exemplo, construído em um determinado presente, submetia ideias à contextos sociais, não

---

<sup>2</sup> Há, como por exemplo, verdadeiros abismos separando Heidegger, com a sua fenomenologia hermenêutica, e Sartre, com a sua ontologia fenomenológica. Ambos, porém, descendem quase que diretamente da fenomenologia transcendental sistematizada por Husserl.

<sup>3</sup> E isso parece ser um contrassenso em relação às outras áreas das ciências humanas, há, como por exemplo, pelo menos tentativas metodológicas de se elaborar uma sociologia fenomenológica (Alfred Schutz), uma filosofia fenomenológica (Merleau-Ponty) e até mesmo uma geografia fenomenológica (Yi-Fu Tuan), ao passo de não se saber, no entanto, da tentativa de se pensar em uma “história fenomenológica”.

<sup>4</sup> FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. 3. Ed. Trad. Leonor Simoes e Gisela Moniz. Lisboa: Editora Presença, 1989. 259 p.

<sup>5</sup> MORUJÃO, Carlos. Husserl e a história. Sobre o “Im Zickzack Vor- und Zurückgehen”, no § 9 da Crise das Ciências Europeias. Disponível em: [http://www.uned.es/dpto\\_fim/InvFen/InvFen06/pdf/09\\_MORUJAO.pdf](http://www.uned.es/dpto_fim/InvFen/InvFen06/pdf/09_MORUJAO.pdf). Acesso em: 01 fev. 2016. 17 p.

<sup>6</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo III*. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997. 500 pe.



permitindo a possibilidade de que os contextos sociais fossem submetidos às ideias, justamente por não ser assim no “presente” em que fora construído.<sup>7</sup>

A exclusão da objetividade do tempo, se vista de forma superficial, pode ser entendida apenas como um tipo de negação de coisas como o passado e o presente. O autor, todavia, parece entender o tempo como um fenômeno que foge inclusive dessas categorias, indicando-o não como um meio pelo qual se manifestam os fenômenos, mas sim, como um fenômeno manifesto pela consciência. Por uma questão de adequação da linguagem, o autor não abdica da quantificação temporal, nem tão pouco se empenha em promover qualquer desconstrução destas ou daquelas categorias, e recorre constantemente aos usos e às demarcações periódicas de localização no tempo. Sendo assim, Husserl prefere chamar a exclusão da objetividade do tempo de *suspensão* (ou, deixar em questão). Isso, no entanto, não o impediu de se aventurar como investigador de uma histórica origem espiritual da Europa. Aventura essa (em conferência realizada em 1935), empreendida no intuito de identificar os possíveis motivos que teriam acarretado um tipo de crise de humanidade europeia. Husserl se estabelece em uma possibilidade de análise histórica notadamente fenomenológica, cujo principal interesse parecia ser entender a origem do objetivismo que permeava as ciências do espírito durante o período entre guerras.

### **A busca pela origem da crise**

Na conferência proferida por Husserl sobre a crise pela qual a humanidade europeia passava, o filósofo tenta suscitar um interesse pelo tema à partir do desenvolvimento de uma ideia histórico-filosófica sobre os europeus. Husserl, ao que parece, vê uma parcela significativa de responsabilidade pela crise nas ciências que haviam se desenvolvido até aquele momento.

Uma distinção muito clara é feita pelo filósofo em relação às ciências naturais e as ciências do espírito, as primeiras seriam referentes aos saberes materialmente externos à consciência do homem (Química, física, matemática, anatomia e etc.), já as ciências do espírito estariam relacionadas à humanidade vivida, das intuições, ideias, sentimentos e sistematizações do pensamento. Em uma breve introdução, Husserl satiriza a relação entre a eficácia daquilo que ele chama de “Medicina científico-natural” – que é referente ao conhecimento produzido à partir do aproveitamento das sistematizações científicas que estudam o corpo humano – e a “medicina naturalista” – que surge com os saberes comuns do povo. O autor se pergunta “como se explica

---

<sup>7</sup> Tal como fez John Bury, em *The idea of progress*, (1920) ao analisar a compreensão de história em Maquiavel e compara-la com a ideia de Bacon.



que, a este respeito, não se tenha chegado nunca à Medicina científica, a uma medicina das nações e das comunidades supranacionais?”<sup>8</sup>

A questão é colocada para ilustrar a forma como as ciências do espírito propõem-se à solucionar determinadas conjecturas à partir de métodos e conhecimentos que são muito próprios das ciências da natureza. Em outras palavras, significa também uma sátira em relação aos usos de práticas tecnicistas que ciências humanas – como história, filosofia, sociologia e etc. – se apropriam para sistematizar os seus conceitos e as suas narrativas. Em certo sentido, essa intenção de uso, por parte das ciências humanas, parece estar relacionado a um tipo de tendência predominante nas ciências humanas na Europa durante as primeiras três décadas do século XX. Há exemplos muito pontuais sobre isso – como J. Bury, Oakeshott, Rickert, Spengler, Bergson e outros – mas que representam ao menos uma certa presença desse naturalismo nas ciências do espírito. Tal tendência, é vista por Husserl, de forma convicta, como corresponsável pela crise da humanidade europeia.

Para tentar explicar a forma como chegou a essa conclusão, o autor, mesmo que em poucas páginas, estabelece os critérios e as etapas que serão seguidas pela sua reflexão. Husserl (1) descreve a forma que pretende observar o problema da dita crise; (2) delimita o objeto a ser observado, ou seja, exemplifica que pessoas estão inclusas dentro de uma “humanidade europeia”; (3) demarca um período e um lugar que lhe parecem ser o ponto de origem do mundo europeu; e (4) identifica os problemas mais pontuais daquilo que teria ocasionado a crise.

Husserl entende, à partir de um rigor metodológico sobre qualquer tipo de investigação relacionada ao saber científico, a necessidade de no mínimo deixar em suspenso as categorias do presente ao se analisar um determinado período que não seja o próprio presente. Principalmente no que se refere à momentos de transição, a forma tomada pela observação daquilo que é natural ao olho do investigador dificilmente é a mesma forma tomada pelo investigado, sendo, portanto, imprescindível uma suspensão dos pressupostos e das prerrogativas que permeiam a mente e o mundo do observador. Essa ação, sintetizada por Husserl como sendo própria de um tipo de *eu transcendental*, é equivalente a uma tentativa de compreensão de intenções que estejam em poder de interferir a manifestação dos fenômenos que se pretende observar. Por meio de tal transcendência, no intuito de entender as etapas das percepções e apercepções daquilo que se

---

<sup>8</sup> HUSSERL. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, p. 44.



manifesta à consciência, o objeto manifestante entra em estado de nudez, permitindo assim que o mesmo seja observado de forma mais nítida.<sup>9</sup>

Quando refere-se à Europa, Husserl não está se referindo à Europa geográfica, mas sim à um jeito de se relacionar com o mundo, que é estendido, com muita força a alguns países nas américas, principalmente nos Estados Unidos. Essa delimitação, perpassa por critérios espirituais e institucionais, tais como a política, a organização social, a hierarquia familiar, os preconceitos, os interesses pessoais e os cuidados do cotidiano.

Na busca por uma origem que dê conta de unir esses critérios em uma relação comum e que seja essencialmente distinta de outros jeitos de se relacionar com o mundo o autor descarta todas as ideias evolucionistas e classistas sobre o desenvolvimento humano. Seu interesse é basicamente encontrar a formatação espiritual da humanidade europeia. Essa formatação espiritual, diz respeito aos modos e às categorias que se consolidaram com o tempo na percepção natural do mundo circundante do europeu.

Em sentido espiritual, a Europa engloba manifestamente os domínios ingleses, os EE.UU., etc. Trata-se aqui de uma unidade de vida, de uma ação, de uma criação de ordem espiritual, incluindo todos os objetivos, os interesses, as preocupações e os esforços, as obras feitas com uma intenção, as instituições e as organizações. Nelas atuam os indivíduos dentro de sociedades múltiplas de diferentes graus de complexidade, em famílias, raças, nações, nas quais todos parecem estar interior e espiritualmente vinculados uns aos outros e, como disse, na unidade de uma estrutura espiritual.<sup>10</sup>

Mesmo não querendo limitar o fenômeno da origem espiritual europeia à uma territorialidade, Husserl delega a uma nação a responsabilidade pelo nascimento espiritual da Europa. “Essa nação é a Grécia Antiga dos séculos VII e VI a.C. Nela surge uma *atitude de tipo novo* dos indivíduos para com o mundo circundante”.<sup>11</sup> Dessa atitude nova, teria surgido uma forma cultural sistematicamente fechada para si, que passaria a ser denominada pelos gregos de *Filosofia*. E Husserl parece não entender o termo filosofia de um jeito convencional (equivalente a um amor e ou apreço pela sabedoria), antes, por outros fins, afirma ser equivalente à “Ciência Universal”, que com o passar do tempo, sendo una em si, passou a se dividir em uma diversidade de ciências particulares.

Ainda que de forma paradoxal, a irrupção dessa atitude de tipo novo, é elencada na análise como sendo o profenômeno da Europa espiritual. A concentração exclusiva dessa nova

---

<sup>9</sup> HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. 2. ed. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Editora 70, 1989.

<sup>10</sup> HUSSERL. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, p. 47.

<sup>11</sup> \_\_\_\_\_. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, p. 49.



ação do pensamento humano que criava categorias e tipificações distintas daquelas que antecederam esse período não demoraria muito a ser extrapolada para além das fronteiras das cidades gregas, formando, assim, um movimento de incorporações e alienações que formaram uma normatividade que se disseminou como parâmetro para a avaliação dos saberes. Esse movimento é, na interpretação de Husserl, acelerado pela forma da própria normativa dessa nova atitude, que reside essencialmente na infinitude das coisas. Não se pode, porém, entender esse transbordamento apenas pela mutação exterior das formas que esse novo tipo de pensamento tomava em sua disseminação, pois, essa nova atitude, aparentemente compartilhada, está presente em uma permanência de direção normativa que habitava o senso individual da intuição de cada pessoa. Sendo assim, os critérios e os parâmetros gerais dessa atitude são, em uma observação precisa, extremamente mutáveis nas intersubjetividades, permanecendo, entre poucas coisas, a universalidade como essência.

Essa relativização dessa nova atitude não dissolve, porém, o volume de influência e de continuidade da filosofia. Isso ocorre principalmente pela formação de ideias e sistematizações que se tornaram eficazes no cotidiano de alguns poucos círculos. Husserl entende essa formação e sistematização de ideias, mesmo que ocorrendo em pequena escala, como sendo o ponto auge de transformação da humanidade grega. Diferente das coisas externas ao homem, que se manifestam em suas concretudes físicas, as ideias são formadoras de sentido, carregam em si a carga de atribuir significações às coisas intuitivas da consciência das pessoas. Ou seja, quando um indivíduo está sistematizando uma ideia, ele não está simplesmente conjecturando ou descrevendo pensamentos, ocorre, por certo, um processamento entre o encontro de uma consciência com o mundo sensível. Esse encontro delega, a determinados fenômenos, novos significados imbuídos por uma nova sensibilidade para com o mundo circundante (*Umwelt*) e, conseqüentemente, uma nova atitude para com aquilo que está manifesto à consciência.

O fruto desse processamento de ideias ocorre naquilo que Husserl chama de “revolucionamento da cultura”. O desenvolvimento da filosofia grega nos séculos VII e VI a.c. fundamenta uma visão sobre os fenômenos que os estabelece em circunstâncias universais, dando-lhes, portanto, o caráter de parte integrante de um *infinitum* que agrega todas as coisas. Nesse sentido, a diferença fundamental que distingue nessa análise a filosofia grega dos outros sistemas de pensamento (egípcios, babilônicos, indianos, chineses e etc., tão válidos em suas peculiaridades quanto a filosofia grega), está justamente no caráter de infinitude, ao qual, sintetizado em materializações categoriais, se manifesta em forma dos sistemas numéricos, na



ordem cíclica da vida, do círculo como símbolo geométrico de perfeição e etc. Dessa forma, moldado pelo caráter de infinitude das coisas, surge a possibilidade de se medir, ou sistematizar, as coisas concretas por meio da linguagem adequada, dando à empiria uma tradução teórica, aplicável à todas as manifestações da mesma natureza. Ou seja, para Husserl, a atitude teórica tem nos gregos a sua origem histórica, onde hábitos fixos da vida volitiva se consolidam em interesses e vontades no cotidiano. Com o desenvolver-se desse tipo de atitude, uma nova vocação estava por se consolidar no mundo grego, que consistia em uma dedicação consagrada da vida a uma reflexão universal, à tarefa de teorizar e edificar um conhecimento teórico em cima de um conhecimento teórico *in infinitum*. Aos que se dedicavam à essa vocação, deu-se o nome de filósofos.

De forma correspondente, surge também, em torno dessa nova atitude, um tipo novo de comunalização do trabalho com as ideias. As formações ideias da teoria passam a ser vividas e assumidas de forma conjunta pela reprodução e ressystematização dos princípios mais elementares da vida prática, provocando, assim, um processo maciço de difusão e disseminação dessa nova atitude.

Husserl, historicizando a origem espiritual da Europa, parece ver em decorrência da origem na filosofia grega, uma atitude globalizadora no mundo ocidental. Em 1935 o filósofo ainda percebia a permanência, mesmo que de forma análoga apenas, de uma variedade de ideias infinitas, tais como a ideia de verdade, valores universais, bens autênticos, progresso, normas absolutas e o senso de validade daquilo que é “cientificamente comprovado”.

Após essa busca genealógica, o autor sintetiza os motivos pelos quais ocorre a crise da humanidade europeia. Husserl, ao que parece, vê no próprio progresso da filosofia grega o seu ponto de crise espiritual. O rigor do caráter infinito das sistematizações filosóficas encontra o seu ápice naquilo que lhe é totalmente oposto, o irracionalismo, que, na ideia do autor, é equivalente ao racionalismo exageradamente universal. Esse tipo de racionalismo não se caracteriza, como dito, em um adultério daquilo que se desenvolveu na antiguidade, mas sim, em um desenvolvimento do senso teórico de infinitude, que culmina em uma ingenuidade para com a vida sensível que é rejeitada como parâmetro em função da busca pela objetividade do conhecimento das coisas.

Esse objetivismo não é, porém, algo restrito às competências da ciência enquanto funcionalidade metodológica, é também uma atitude disseminada pelo mundo ocidental, materializada em tão bem quistos discursos sobre o espírito de comunidade, vontade do povo e



ideais nacionalistas. Coisas estas, que para Husserl são uma transposição analógica de conceitos individuais universalizados e justificados pela ciência objetiva.

O mal-estar sentido pela Europa, é, para o autor, proveniente da ingenuidade objetivista, que designa o mundo como um algo naturalmente materializado, calculável em suas variantes elementares. Isso se constitui um problema grave no momento em que o mundo circundante de cada observador, seja um cientista natural ou do espírito, é renegado por um método universal, e o observado, gerenciado pelo observador, acaba sendo submetido aos caprichos e preconceitos do tempo em que ocorre a observação.

### **Husserl e a história**

Uma característica que provavelmente não passaria despercebida aos olhos de qualquer historiador que lesse *A crise da humanidade europeia e a filosofia* seria a ausência de citações às fontes ou autores que corroborassem a origem histórica grega da humanidade europeia da qual fala Husserl. Essa ausência só não é completa pelo fato de o autor citar o livro *História universal da idade da pedra* de Oswald Menghin. Este, porém, é utilizado apenas para situar uma pretensa origem dos deslocamentos de alguns grupos em direção à Grécia. Dessa forma, por fugir metodologicamente à tradição historiográfica predominante naquele período, a reflexão feita por Husserl poderia ser classificada muito mais como sendo um ensaio filosófico do que como uma análise histórica.

Ocorre, porém, que a reflexão husserliana sobre a história foge inclusive dessa classificação que toma como pressuposto a distinção das competências historiográficas, filosóficas, sociológicas e etc. Distinção essa que, nascida e disseminada pelas ideias de Galileu sobre o isolamento dos corpos e de Descartes sobre o *dualismo de substâncias*<sup>12</sup>, ainda estava, no período entre guerras, dando a tônica das discussões envolvendo as ciências do espírito. O advento das ciências disciplinares em Galileu e Descartes, é entendido por Husserl como um tipo de polarização dos sentidos possíveis de serem atribuídos à filosofia. Dessa forma, mesmo respeitando os diversos contextos históricos em que são sintetizadas as ideias relacionadas à filosofia, o autor ressalva que a mesma, em qualquer momento, deixou de possuir a infinitude como base essencial das suas ideias. O grande problema consiste, ao que parece, no processo de especialização das reduções que, pelas competências que vão sendo divididas e requeridas por

---

<sup>12</sup> AIUB, Monica. Interdisciplinaridade: da origem à atualidade. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 30, n.1, p. 107-116, 2006. 09 p.





determinados grupos, estabelecem critérios particulares baseados em grandes sistemas filosóficos, que distinguem as propriedades de cada área dos saberes entre si.

E aqui reside o perigo. Ao dizer “filosofia” devemos distinguir entre a filosofia como fato histórico de uma respectiva época e a filosofia como ideia de uma tarefa infinita. A filosofia efetiva em cada caso historicamente real é o intento, mais ou menos sucedido, de realizar a ideia condutora da infinitude e, com isso, do conjunto total das verdades. Ideais práticos, intuídos como polos eternos, dos quais ninguém se pode afastar em toda a sua vida sem arrependimento. Sem tornar-se infiel a si mesmo e, com isso, infeliz, de maneira alguma na mera intuição já são claros e precisos, mas se antecipam numa generalidade vaga. Sua determinação somente emerge no agir concreto e no êxito, ao menos relativo, do proceder. Por isso correm o constante perigo de serem atraídos por interpretações unilaterais que satisfazem prematuramente; mas a sanção vem em forma de contradições subsequentes. Daí o contraste entre as grandes pretensões dos sistemas filosóficos que, sem dúvida, são incompatíveis entre si. A isso se acrescenta a necessidade, e também o perigo, da especialização.<sup>13</sup>

Nesse processo de especialização, duas coisas são elencadas como extremamente problemáticas para o autor: (1) a fabricação artificial de uma racionalidade unilateral, por ser na maior parte das vezes justificada e teorizada por um sistema genuinamente filosófico – ou seja, possuidor de um caráter de infinitude –, estabelece parâmetros universais, dentro das competências atribuídas a determinada especialização, para questões pontuais e particulares do ser e não ser das coisas; ao mesmo tempo, (2) esse trato, por meios universais, de questões particulares, reduz a legitimidade dos saberes especializados à convenção de um determinado grupo, provocando, assim, um isolamento em nichos do saber, onde se criam discursos de autoridade para se creditar ou não validade ao conhecimento das coisas.

Sobre a leitura histórica das origens da filosofia, Husserl não se preocupa em fazer uma história aos moldes objetivistas, mas apenas cita alguns momentos históricos a partir dos pressupostos da fenomenologia como ciência universal. Entretanto, respeitando o rigor teórico-metodológico da fenomenologia, o autor demonstra uma metodologia de análise que não permite que sua observação seja entendida apenas como uma filosofia especulativa da história.

No intuito de manter em uso a fenomenologia e a sua radicalidade para o saber científico, a suspensão das prerrogativas da constituição do tempo objetivo, da permanência ou evolução das ideias, Husserl se propõe estabelecer-se, em sua análise, em uma espécie de movimento cíclico na busca pela consciência de uma espiritualidade europeia.

A compreensão do começo só se pode obter completamente a partir da ciência dada na sua configuração atual, num olhar retrospectivo sobre o seu

---

<sup>13</sup> HUSSERL. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*, p. 57.



desenvolvimento. Mas sem uma compreensão dos começos, este desenvolvimento, como desenvolvimento sentido, permanece mudo. Não nos resta senão o seguinte: devemos proceder em “zig-zag”, para trás e para diante: num jogo recíproco, um [movimento] deve ajudar o outro. Uma relativa clarificação num dos lados traz esclarecimento para o outro, o qual, pelo seu lado, ilumina retrospectivamente o primeiro.<sup>14</sup>

Ao que parece, esse movimento de “zig-zag”, no contato entre aquilo que se manifesta em outro momento e aquilo que está posto no presente, estabelece os critérios para que se ocorra o preenchimento da intencionalidade do observador sobre o observado. Tal preenchimento, ocorrendo de forma correspondente entre aquele que investiga e aquele que é investigado, se dá novamente pela busca daquilo que se estabelece como previamente dado, em que, de um lado desse movimento, estaria uma parte das prerrogativas metodológicas e das percepções naturalizadas pelo fluxo de informações que se processam no contexto ao qual o investigador está inserido, do outro lado, entende-se estar os princípios e prerrogativas notadamente peculiares ao que é investigado.

Em se tratando de história, nesses termos, não se nega, nesse tipo de investigação, a possibilidade de que – em função de esse movimento ocorrer em uma ordem que vai do investigador em direção do investigado – o contexto posto no presente determine as características do contexto que se investiga no passado. Na tentativa de se minimizar esses riscos, Husserl, nos §§ 38 e 39 das *Meditações cartesianas*, concentra a busca pela compreensão das prerrogativas intencionais na gênese das suas formas. Nesse sentido, há, na sistematização do autor, uma *gênese ativa* e uma *gênese passiva*<sup>15</sup>, que encontram-se sob medidas e formas distintas na compreensão da realidade.

As medidas e as formas das gêneses, passiva e ativa, elencadas pelo autor, são, no entanto, ambas correspondentes aos *princípios universais da gênese constitutiva* daquilo que é investigado. São correspondentes no sentido em que a gênese ativa, dentro da suspensão do que é previamente estabelecido, é investigada como o *eu* sendo o fator interventor que engendra, cria e constitui uma dada perspectiva de observação. O encontro que ocorre entre esse *eu* interventor e o observado é tratado por Husserl, rumo à gênese passiva, dentro do conceito de *associação*. Na fenomenologia, o conceito de associação estabelece o *ego* não como um espectador da gênese universal, mas sim como participante da constituição desta. Dessa forma, essa participação se relaciona com a constituição daquilo que lhe é sistematicamente parte de um determinado contexto, e se submete

---

<sup>14</sup> Edmund Husserl *apud* MORUJÃO. *Husserl e a história*, p. 182.

<sup>15</sup> HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas*. 2. ed. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2001.



a um conjunto de funções e escalas que devem necessariamente se adaptar às formas que se manifestam no tempo.

Traduzindo para a ação do historiador o conceito de associação, na fenomenologia, dentro da busca pelos princípios universais da gênese constitutiva, o trato com as fontes, o aporte teórico, a metodologia e outros elementos estão inclusos dentro da investigação daquilo que Husserl chama de gênese ativa. Nesse sentido, tudo aquilo que faz parte do universo circundante do pesquisador – ou do lugar social, como prefere chamar Michel de Certeau<sup>16</sup> – é colocado, na busca por uma gênese ativa<sup>17</sup>, em análise, para que, assim, sejam dimensionados os parâmetros utilizados para entender determinadas coisas relacionadas ao que é pesquisado. Ocorre, portanto, não apenas uma apropriação de um determinado método ou de uma justificativa teórica, tem-se, admitindo a ideia de Husserl, a necessidade de se colocar a maior quantidade possível de prerrogativas em suspenso, dando ao pesquisado, em relação ao pesquisador, maior abrangência e domínio sobre a narrativa a ser construída.

### **De encontro à crise**

A identificação feita por Husserl de uma origem para uma sensação de crise na Europa, perpassou, em um movimento de “zig-zag”, pela constituição do mundo espiritual europeu como parte significativa de um conjunto de ideias que configurou um tipo de lida com o saber científico. Nesse sentido, a razão, tomada em seu estabelecimento de critérios universais para a sistematização lógica do pensamento, foi tomada pelo autor como corresponsável pelo desenvolvimento de um objetivismo ingênuo na modernidade.

Apesar de o autor não trabalhar muito com materialidades diretas dessa crise, os efeitos dos problemas espirituais da Europa também se manifestaram em problemas materiais. Em um artigo publicado pela primeira vez em 1923 na revista *Kaiçô*, Husserl faz questão de nas primeiras linhas ressaltar que a guerra, que desde 1914 assolava a Europa, ainda não havia acabado, havia apenas preferido adotar “em vez de meios de coação militares, os meios ‘mais refinados’ das torturas da alma e das misérias econômicas moralmente depravantes”<sup>18</sup>. Esses “meios refinados”

---

<sup>16</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. 315 p.

<sup>17</sup> Ainda que Husserl não esteja, com a gênese ativa, se referindo às mesmas categorias de dependência social de Certeau, ao descrever uma das etapas da gênese ativa Husserl utiliza os termos “laços de comunidade sintética” (HUSSERL. *Meditações cartesianas*, p. 93) para se referir à uma parte do universo circundante do observador, que, apenas nesse caso, parece aproximar-se, por analogia, ao que Certeau chama de lugar social.

<sup>18</sup> HUSSERL, Edmund. *Renovação seu problema e método*. Trad. Pedro M. S. Alves. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. p. 03.



que fala o autor, foram os meios elencados por Husserl como sendo os mais nítidos de uma manifestação da crise espiritual que se percebeu naquele período. Não que a guerra tenha sido a causadora da crise, esta foi apenas a facilitadora de uma contexto que possibilitou a manifestação de uma nudez da espiritualidade da Europa. Nudez esta que, nas palavras do autor, teria posto em descoberto a ausência de sentido naquela cultura.

Mesmo sendo correspondente à um tipo de materialização catastrófica da vida em sociedade, o objetivismo, do qual fala Husserl, é uma chaga muito mais espiritual do mundo europeu. E essa chaga se desenvolveu não como uma deturpação da racionalidade do mundo ocidental, mas, sim, como fruto da própria exploração progressiva dos seus pressupostos. Tal como foi demonstrado acima, Husserl percorre um longo caminho, em sua investigação, através das prerrogativas de infinitude da razão filosófica que se mantiveram estabelecidas com o desenvolvimento do saber científico. O processo de enriquecimento das tarefas infinitas desse tipo de saber, fizeram da ciência um sistema de investigações objetivas; sistema esse que, na ideia do autor, possui uma relação muito íntima com a crise pela qual a humanidade europeia passava.

Essa investigação, mesmo que não correspondendo aos critérios historiográficos atuais de relação do autor com o seu conjunto de fontes, expõe, ao que parece, no mínimo uma considerável contribuição metodológica para se pensar a produção historiográfica, onde elementos de grande importância, como a relação intersubjetiva<sup>19</sup> do pesquisador com o pesquisado, precisam ser colocados em questão. Mesmo que o conceito de intersubjetividade de Husserl não seja muito cabível para o âmbito factual da pesquisa em história, a sua sistematização acerca do assunto pode vir a contribuir na busca por prerrogativas que fazem parte da composição daquilo que seriam as subjetividades comuns aos pesquisadores em história que convencionaram o ser e o não ser possível de determinadas ações, tais como o trato com as fontes, a busca por intersecções lógicas de sucessão entre um evento e outro ou até mesmo a delimitação daquilo que seria o todo e daquilo que seriam as partes no estudo de determinadas estruturas. Além disso, a relação do autor com as peculiaridades do objetivismo que permeava a ciência institucionalizada do período, denota uma caracterização relevante das apropriações realizadas pela própria tradição historiográfica que foi se estabelecendo após o período entre guerras.

---

<sup>19</sup> Para Husserl, por exemplo, a intersubjetividade equivale à uma relação que se estabelece na investigação de um tipo de *egologia* do ser, onde, à partir daquilo que ele prefere chamar de “vinculação”, ocorre o compartilhamento mútuo (mas em níveis diferentes) de significações comuns na percepção do eu em relação ao outro. Nesse sentido, aquilo que pode se tipificar como um *alter ego* é parte constituinte do mundo circundante do próprio ego, criando, dessa forma, subjetividades comuns entre o eu e o outro.